

Participação no PIB

Taxa acumulada no ano em relação à do ano anterior (em %)

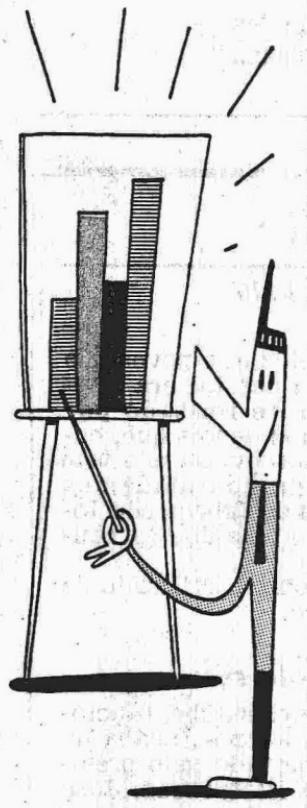
Setor	1988	1989	1990	1991	1992
Lavouras	-1,02	3,45	-10,19	1,77	11,7
Produção animal	5,79	0,21	5,20	2,48	4,7
Ind.transformação	-3,41	3,13	-9,47	0,71	1,3
Construção	-2,92	7,61	-12,33	0,28	-0,8
Comércio	-2,79	2,91	-6,48	0,78	3,1
Transportes	3,32	3,09	-3,09	2,22	5,3
Comunicações	11,20	18,53	8,93	19,63	nd***
Inst.financieras**	0,26	0,26	-3,12	-7,15	nd
PIB Total	0,01	3,60	-4,62	1,11	2,7

* Projeção feita pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), órgão do Ministério da Economia

** O produto das instituições financeiras não advém dos juros cobrados pelos bancos, pois são considerados rendimentos. O Departamento de Contas Nacionais do IBGE usa como medidor do produto destas instituições o pessoal ocupado nesta atividade e os serviços pelos quais elas são remuneradas diretamente.

*** nd: não disponível

Fonte: Departamento de Contas Nacionais do IBGE e Ipea



Para economista, solução vai demorar

Jô GALAZI

RIO — A grande retração no setor habitacional, um dos maiores empregadores da economia, ocorrida nos últimos anos, não deve ser considerada mais um dos eventuais erros estratégicos do governo. A avaliação é de Flávio Castello Branco, economista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), órgão do Ministério da Economia, e do Departamento Econômico da Confederação Nacional das Indústrias (CNI). O encolhimento do setor, explica ele, foi consequência do crescimento da inflação nos anos 80, que tornou o Sistema Financeiro de Habitação (SFH) inviável e destruiu os mecanismos de financiamento de longo prazo para imóveis.

Para o economista, o Tesouro Nacional está impedido de bancar esses financiamentos e a economia não pode produzir esses mecanismos enquanto a inflação não for baixa e estável. Isso quer dizer que a utilização do setor habitacional como motor para a retomada do crescimento não pode ser esperada para breve. Havendo estabilidade, os bancos voltarão a manter carteiras hipotecárias, como faziam no passado, e financiarão o setor.

A construção civil (que engloba todas as áreas ligadas à construção e não apenas a habitacional), segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), apresen-

ta queda de produto (bens e serviços gerados pela atividade) desde 1988. Em 1990 (o primeiro ano do governo Collor), desabou 12,33%. Este ano, as projeções do Ipea indicam que a retração será de 0,8%.

A análise de dados dos setores que formam o Produto Interno Bruto (PIB) indica que apenas um deles tem tido expansão, e a taxas muito altas: o de comunicações, estratégico para a modernização do País, e que em 1991 cresceu 19,63%.

A agricultura e a pecuária, que este ano serão os únicos a aumentar seu produto — 11,7% — tiveram queda de 10,19% em 1990, por falta de uma política agrícola adequada. É por isso que a expansão de 1992 não pode ser considerada crescimento real, mas recuperação das perdas desde 1989.

De acordo com Flávio Castello Branco, o crescimento da agricultura terá reflexos positivos no desempenho da indústria, cuja elevação este ano (prevista para 1,2% no geral e em 1,3% na de transformação) será muito reduzida. "Quando os agricultores têm renda, podem encomendar mais máquinas e produtos de consumo", lembra ele.

"O fato é que a prioridade do governo é o combate à inflação", diz Castello Branco, e mesmo o comportamento favorável do setor exportador em grande parte decorre disso, porque as empresas recorreram ao Exterior para compensar a redução de demanda interna.